São Paulo, quinta-feira, 08 de fevereiro de 2007 FOLHA DE S.PAULO turismo

Texto Anterior | Próximo Texto | Índice

on the road, 50

Eduardo Bueno viaja à moda de Kerouac

PALPITE Tradutor do romance espera que filme a ser dirigido por Walter Salles reflita subversão que história representou

THIAGO MOMM
DA REPORTAGEM LOCAL

O escritor e jornalista gaúcho Eduardo Bueno, 48, espécie de embaixador de "On the Road" no Brasil, acha que Walter Salles não será o melhor diretor para filmar o livro. Salles comprou os direitos de Francis Ford Coppola e já tem material filmado para um documentário, que não sabe se exibirá antes ou depois do filme, com previsão de lançamento para 2009. Bueno preferia ver, na cadeira do cineasta, "diretores de linguagem mais transgressora", como os norte-americanos Robert Rodrigues ("Sin City", "Um Drinque no Inferno") ou Terry Gilliam ("Medo e Delírio em Las Vegas").
Isso porque, acrescenta, "não é simplesmente recontar "On the Road". Não pode ser um filme impressionista com início, meio e fim, principalmente se for nessa ordem". O jornalista leu o livro pela primeira vez em castelhano, em 1975, atravessou os Estados Unidos de carona para esmiuçar cidades, estradas, personagens e a alma beat de Kerouac, entre 1978 e 1979, e foi o responsável pela tradução para o português, em 1984.
Tem nada menos que 27 edições do romance, inclusive uma em português lusitano, que fala em carro "descapotável" em vez de "conversível" e que o motivou de vez a passar o livro para a nossa língua. Naquele 1984, a edição de "On the Road" que traduziu e saiu pela editora Brasiliense vendeu mais de 200 mil cópias. Os livros que

o tornaram conhecido dos brasileiros, porém, foram os best-sellers da série "Terra Brasilis", com títulos como "A Coroa, a Cruz e a Espada" e "A Viagem do Descobrimento", pela editora Objetiva. Após percorrer parte da quilometragem de "On the Road", o escritor desceu de ônibus, carona e barco até o Brasil, pegando tufão em Porto Escondido, guerra na Nicarágua e terremoto no Peru, entre outras desventuras que conta abaixo nesta entrevista à **Folha**.

★

FOLHA - Sua primeira leitura de "On the Road" foi quando comprou "En El Camino", em uma livraria de Buenos Aires, em 1975. Qual o impacto dessa primeira leitura?
EDUARDO BUENO - Comprei naquela livraria que ainda existe, a La Ciudad, mas que está pra fechar. Era a livraria do Borges [Jorge Luís, escritor argentino, 1899-1986], inclusive eu o vi lá na livraria. Foi ali que ele teve a idéia, junto com o dono, de fazer aquela coleção "Biblioteca de Babel", publicada pela La Ciudad, cujos últimos volumes estão à venda agora. Fui lá no mês passado, a viúva está lá. Contei pra ela que tinha comprado "En El Camino" ali. A velha quase chorou. [Em 1975] sentei no banco de uma praça e li os quatro primeiros capítulos, não conseguia levantar, totalmente capturado pelo livro.

FOLHA - Mas você decidiu mesmo traduzir o romance depois, quando viajou pelos Estados Unidos.
BUENO - Eu estava na Europa e voei para Nova York pela Virgin, um vôo lendário. Você comprava o tíquete já dentro do avião. Tentei ir à maioria dos lugares, mas muitos estavam fechados. Depois fui pra Woodstock, uma coisa que Kerouac não fez, ele foi pra Bear Mountain. Meu propósito não era refazer passo a passo a primeira viagem do livro [veja viagens de "On the Road" na pág. F13]. E peguei mais carona que ele. Fui pra Concord, em Massachusetts, que era terra do Thoreau [Henry David, contraculturalista norte-americano, autor de "Desobediência Civil", 1817-1862]. Dali fui para Cape Cort, onde o Mayflower, o navio que trouxe os peregrinos que colonizaram os EUA, chegou. Voltei pra rodovia 95 e fui pra Chicago.

FOLHA - E foi acumulando edições de "On the Road".
BUENO - Acumulei 27, a maioria em inglês. Mas tenho edições em espanhol, francês, holandês, alemão, português de Portugal -que, aliás, se chama "Pela Estrada Afora".

FOLHA - E então você chegou em Chicago.
BUENO - E dali fui pra Denver, onde fiquei uma semana. Daí fui pra Aspen, e devia ter comprado terra ali. Teria ficado milionário, era mato ainda. Depois fui pra Salt Lake City, por onde Sal Paradise passa em outra viagem e onde nasceu o Dean [Moriarty, personagem do livro; leia mais à página F12]. Ele cresceu na sarjeta, era um trombadinha.
Depois fui pra San Francisco. Uma coisa interessante de observar é que, nos Estados Unidos, 90% das pessoas nunca tinham ouvido falar no Kerouac. Mas, em San Francisco, todo mundo tinha ouvido falar nele. Ali eu fiz tudo, devia ter ficado pro resto da vida. Visitei o Ferlinghetti [Lawrence, poeta beatnik, hoje com 87 anos], fui à livraria City Light, percorri todo o circuito de outro livro do Kerouac, "Os Vagabundos do Dharma". Só que no livro ele vai lá escalar uma montanha, e aí não fui, porque estava vindo de volta pro Brasil.
Os americanos me diziam: "Olha, pegar carona no México não é tão fácil quanto nos Estados Unidos". Alertavam que os mexicanos eram perigosos, que odiavam quem não era mexicano etc. Tanto me disseram isso, tanto me encheram o saco que, depois que eu fui de San Diego pra Tihuana -que era uma aldeia indígena, e não o que a gente vê no filme "Babel" hoje-, comprei uma passagem de ônibus de lá pra Guadalajara.
Mas quando passei pelo deserto de Sonora, desci e não voltei pro ônibus. E comecei a viajar de carona pelo México. Era mil vezes melhor, mais legal que nos Estados Unidos.
Passei pela Nicarágua em guerra, gente morta no chão, uma loucura. Peguei um ônibus pra Costa Rica e fui de carona até o Panamá, onde peguei um barco até a Colômbia. Fui até Santa Cruz de la Sierra de carona, mas aí tive que pagar. Mal levantava o dedo e pegava carona, mas naquelas estradas era obrigado a pagar. Em Santa Cruz peguei o tal trem da morte até Corumbá, Campo Grande e Bauru, nem existe mais esse trem. Mas no pantanal boliviano, em Roboré, houve uma inundação que levou os trilhos embora.
E eu já tinha passado por um terremoto e um tufão no México, uma tempestade tropical em Honduras, a guerra na Nicarágua, o tráfico e as guerrilhas na Colômbia, terremoto em Arequipa [Peru]. Depois de mais de dez dias em Roboré, um avião da força aérea boliviana me levou até Corumbá, onde peguei o trem até Bauru e, de lá, fui de carona até Ganchos, em Santa Catarina, onde minha namorada me esperava.

FOLHA - Qual a maior dificuldade que Walter Salles terá para filmar "On the Road"?

BUENO - Eu acho que tem que ser um filme que procure a mesma linguagem transgressora que tinha o livro quando saiu. Não é simplesmente recontar "On the Road", refazer "On the Road" direitinho. Pra mim, quem tem que filmar é o Robert Rodrigues, ou então o Terry Gilliam, que filmou o infilmável, "Medo e Delírio em Las Vegas". Nunca foi feito um filme tão bom sobre drogas. Então tinha que ser assim, transgressivo, e não um filme impressionista com início, meio e fim, principalmente se for nessa ordem.

FOLHA - Mas "Diários de Motocicleta" e "Central do Brasil", road movies, não dão respaldo a ele?
BUENO - Eu acho ruim. Tem que ser um diretor com uma linguagem mais transgressora.

FOLHA - Pelo investimento da editora L&PM em títulos beatniks, de escritores como John Fante e do próprio Kerouac, dá pra dizer que a influência do movimento sobrevive?
BUENO - Aquele "On the Road" da editora Brasiliense já vendeu mais de 200 mil exemplares. Naquele ano, só não ultrapassou "O Nome da Rosa", do Umberto Eco. E esse pocket da L&PM, lançado em 2004, já bateu os 25 mil [segundo a L&PM, cerca de 20 mil].

Texto Anterior: Pacotes para Mendoza, com aéreo
Próximo Texto: Editora aposta em overdose de autores beatniks
Índice

Copyright Empresa Folha da Manhã S/A. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução do conteúdo desta página em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da Agência Folha.

São Paulo, quinta-feira, 08 de fevereiro de 2007 FOLHA DE S.PAULO turismo

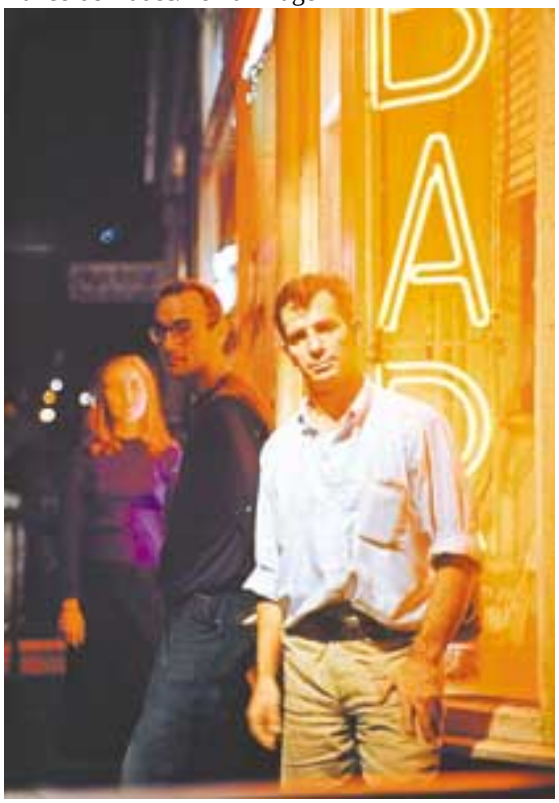
Texto Anterior | Próximo Texto | Índice

on the road, 50

Jornalista refez outros caminhos

Bueno publicará livro sobre personalidades que visitaram o Brasil, como o etnólogo Lévi-Strauss

Banco de Dados/Folha Imagem



Kerouac diante de bar em NY, ponto de partida do livro

DA REPORTAGEM LOCAL

Leia continuação da entrevista de Eduardo Bueno.

FOLHA - A que motivo você atribui esse interesse dos leitores?
BUENO - "On the Road" é um livro seminal, inaugura um movimento quase atemporal, que tem a ver com todo mundo que sente a vertigem de rebelião, de liberdade total -que depois se revela relativamente falsa. Mas é preciso passar por essa experiência.

FOLHA - Você também navegou e passou por alguns lugares descritos nos seus livros de história.
BUENO - Aí é muito diferente. Eu refiz foi as viagens do Thoreau, eu ia escrever um livro sobre ele e fui pros EUA em 1986, só pra refazer as viagens dele. Fui de novo pra Concord e Cape Cort, subi as montanhas que ele subiu, fiz o circuito dele. Mas pros livros de história é diferente. Não fui refazer as caminhadas de ninguém, só fui ver como era o lugar. Porque aí é melhor para escrever. Sempre que posso faço isso.

FOLHA - Você escreverá um livro sobre 12 viajantes que publicará pela editora Planeta. Quem são esses viajantes?
BUENO - Américo Vespúcio, frei Gaspar de Carvajal, Cabeza de Vaca, Maurício de Nassau, Alexandre Rodrigues Ferreira, Maria Graham, Peter Lund, coronel Fawcett, Theodore Roosevelt, Stephan Zweig, Lévi-Strauss e Orson Welles. A lista começa com um mentiroso e termina com um mentiroso maior ainda.

FOLHA - Nos seus livros, principalmente no último, "A Coroa, a Cruz e a Espada", você fala da corrupção no país. Ter estudado o tema o deixa mais pessimista que a média das pessoas quanto ao novo Congresso?
BUENO - Cada povo tem o Congresso que merece. Eu só não sabia que o povo brasileiro era ainda mais patético do que eu achava que era. Há a exceção do meu querido amigo Gabeira [Fernando, deputado]. Eu livraria também a cara do Cristovam [Buarque] e do Suplicy [Eduardo, senador], ele cantou "Blowing in the Wind", né?

Texto Anterior: Editora aposta em overdose de autores beatniks
Próximo Texto: Figuras de Bueno
Índice

São Paulo, quinta-feira, 08 de fevereiro de 2007 FOLHA DE S.PAULO turismo

Texto Anterior | Próximo Texto | Índice

on the road, 50

Livro será longa e documentário de Walter Salles

DA REDAÇÃO

Em apenas três semanas de 1951, Jack Kerouac escreveu cerca de 40 metros de texto. Mas sua empolgação não contaminou os editores, e "On the Road" foi recusado várias vezes antes de ser publicado, há 50 anos, em 1957.

De ônibus, carro e carona, o narrador Sal Paradise, personagem inspirado em Kerouac, faz seis travessias leste-oeste dos EUA e vai e volta de Nova York até a Cidade do México.

Tantas milhagens influenciaram viagens de uma infinidade de motoristas e mochileiros (Eduardo Bueno, tradutor de "On the Road", eleva Kerouac a "santo padroeiro das estradas"), e o espírito com que foram percorridas no livro, suas idéias. Firmava-se o movimento beat (leia mais na pág. F13).

Captar o essencial de uma história sobretudo norte-americana é a difícil tarefa que tem pela frente o cineasta Walter Salles, que adquiriu de Francis Ford Coppola os direitos do livro e já filmou o material para o documentário "Searching for On the Road", que não sabe se lançará antes ou depois do filme. O próprio Coppola, nos 40 anos de "On the Road", em 1997, já ameaçou filmar o romance. Mas deixou pra lá.

No site Internet Movie Database (**www.imdb.com**), fãs do livro discutem o fato de um brasileiro ficar responsável pelo roteiro. Um deles lança uma petição contra o filme, mas recebe a resposta de que Salles tem o respaldo de road movies como "Diários de Motocicleta" e "Central do Brasil".

Perrengues

Invariavelmente, Sal Paradise parte para suas travessias com US$ 50. Como apenas um ônibus entre Denver e San Francisco custava US$ 25, seu dinheiro mingua no meio do caminho. Mas ser beat é deixar isso pra lá. No limite dos perrengues, Paradise trabalha como segurança e colhedor de algodão, rouba gasolina, come e se hospeda na casa alheia e pede dinheiro emprestado para sua tia de Nova Jersey.

Na vida real, Kerouac largou a universidade, foi adepto de jazz, drogas e promiscuidade e chegou a ser preso.

O autor, no entanto, é até convencional perto do co-protagonista Dean Moriarty -na verdade, Neal Cassady, um quase iletrado que pedia a Kerouac que o ensinasse a ser escritor e que se tornou seu companheiro de viagens.

Moriarty acumula vários roubos de carros, cinco anos de prisão e quatro filhos pequenos Estados Unidos afora. Abandona três mulheres apaixonadas por ele. E, se bem fiscalizado, não dirigiria 50 quilômetros sem ter a carteira de motorista cassada. Na vida real, seu currículo era parecido. Cassady chegou a ser menino de rua.

(THIAGO MOMM)

Texto Anterior: Figuras de Bueno

Próximo Texto: On the road, 50: Para Kerouac, "as únicas pessoas são as que querem tudo"

Índice

Copyright Empresa Folha da Manhã S/A. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução do conteúdo desta página em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da Agência Folha.

São Paulo, quinta-feira, 08 de fevereiro de 2007 FOLHA DE S.PAULO turismo

Texto Anterior | Próximo Texto | Índice

Editora aposta em overdose de autores beatniks

DA REDAÇÃO

Para quem leu "On the Road" e ficou com sede de Kerouac e de literatura beat [leia mais sobre o movimento na pág. F13], há uma pilha de títulos do gênero a caminho, pela editora L&PM.
As maiores novidades são "Beat Generation", peça escrita por Kerouac em 1957, inédita até 2005 e com lançamento brasileiro previsto para abril, e a biografia "Kerouac", de Yves Buin, que deve ser lançada em março.
Em novembro deve sair "The Town and the City", primeiro livro do autor. Em 2006 foi publicado "Diários de Kerouac, 1947-1954", anos que incluem o da redação de "On the Road" (1951).
Outros livros seus já saíram em português, como "Os Vagabundos Iluminados" e "O Livro dos Sonhos" -este, um Kerouac para iniciados, dado o fluxo livre e ensandecido de consciência.
Outros beats ganharão títulos neste ano: Allen Ginsberg ("Cartas do Yage"), Lawrence Ferlinghetti ("Um Parque de Diversões na Cabeça") e Charles Bukowski ("Fabulário Geral do Delírio Cotidiano", entre três outros livros). De William Burroughs, em 2006, saiu "O Gato por Dentro".

Texto Anterior: On the road, 50: Eduardo Bueno viaja à moda de Kerouac
Próximo Texto: On the road, 50: Jornalista refez outros caminhos
Índice

São Paulo, quinta-feira, 08 de fevereiro de 2007 FOLHA DE S.PAULO turismo

Texto Anterior | Próximo Texto | Índice

on the road, 50

Para Kerouac, "as únicas pessoas são as que querem tudo"

BEATNIK Escritor não tinha paciência para explicar o porquê do termo, presente nas falas de seus personagens

DA REDAÇÃO

Jack Kerouac (1922-1969), um dos criadores do movimento beat, não tinha paciência para explicá-lo. Talvez porque as melhores explicações estivessem com seus personagens.

Em "On the Road", Sal Paradise, alter ego de Kerouac, diz: "Para mim, as únicas pessoas são as loucas, as que são loucas para viver, loucas para falar, loucas para serem salvas, que querem tudo ao mesmo tempo, aquelas que nunca bocejam nem dizem um lugar-comum".

O movimento surge como contracultura nos anos 50, de macartismo e de caretice nos EUA. Os beatniks buscavam uma maior exploração da consciência ("tour" muitas vezes animado por drogas) e desdenhavam do "american way of life". Marcam esse começo Allen Ginsberg e Bill Burroughs, além do próprio Kerouac.

Recém-publicado no Brasil, "Contracultura Através dos Tempos", de Ken Goffman e Dan Joy (Ediouro), fala do início beat. Em 1955, "com Kerouac gritando "VAI!" e membros da platéia chorando abertamente", Ginsberg leu o poema "Uivo", que falava em "solidão, sujeira/ saudade, latas de lixo e dólares inatingíveis/ crianças berrando debaixo das escadarias/ garotos soluçando nos exércitos/ velhos chorando nos parques".

Já "On the Road", para os autores, "era um livro fluvial, e os ritmos

de linguagem, os brilhos de iluminação, os expressivos relances dos marginalizados dos Estados Unidos deram a seus gratos jovens leitores o equivalente literário da viagem que eles experimentavam com um solo de Charlie Parker."
Mas um dia Kerouac maldisse sua bíblia: virou conservador e anti-semita. Morreu aos 47 anos, por causa do álcool. Allen Ginsberg e Bill Burroughs (em "On the Road", Carlo Marx e "Old Bull" Lee) surpreenderam menos seus fãs: Ginsberg passou pelo budismo e pelo pacifismo, e Burroughs, pela esquerda revolucionária e pelo movimento punk. Os dois morreram em 1997. **(TM)**

Texto Anterior: On the road, 50: Livro será longa e documentário de Walter Salles
Próximo Texto: Panorâmica
Índice

Copyright Empresa Folha da Manhã S/A. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução do conteúdo desta página em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da Agência Folha.